

O OLHAR

Luciano C. Cardoso

Professor Ruy, quando me dispus a fazer o exercício de me olhar no espelho, confesso, como já havia dito em classe, ter encontrado certa dificuldade. A princípio, não conseguia manter minha atenção em meus olhos. Constantemente, me pegava desviando minha atenção, de modo que nos primeiros três dias, não consegui maiores resultados.

Ao cabo do terceiro dia, percebi que minha dificuldade não estava em olhar meus olhos no espelho, pois isso eu fazia constantemente. O problema é que pela primeira vez, eu olhava meus olhos procurando algo além da matéria, procurava algo (ou alguém), que estava além da carne, e isso não era fácil. Mas, uma vez constatado isso, resolvi que, de qualquer forma, eu iria continuar e ver no que dava. O resultado me surpreendeu, porque o que eu encontrei foi muito mais do que esperava. Tantos sentimentos, tantas emoções, tanta vida, um turbilhão de emoções tão grande que não me reconheci em mim mesmo.

Não é que se tratasse de outra pessoa. É que de repente aquela pessoa que eu via era eu mesmo, porém ia muito além, tinha muito mais de mim ali do que o que eu sempre vivenciei em meu dia a dia. A sensação que tive é difícil explicar em palavras. Foi como se eu me sentisse completo de novo. Foi como se eu reencontrasse uma pessoa amada que há muito eu não via. Fiquei emocionado e mal consegui encontrar as palavras para descrever em sala de aula minha experiência.

Depois daquele dia, consegui muitas coisas importantes, resgatei muitos sentimentos que estavam enterrados dentro de mim. Sabe, muitas vezes a vida nos faz abrir mão de coisas muito importantes dentro de nós mesmos. Sentimentos, emoções, princípios tão vitais quanto o ar que respiramos. Perdemos a conexão com as pessoas e até mesmo conosco. A pior coisa que podemos fazer é definir algo como acabado. Ao fazer isso, damos por encerrada qualquer possibilidade de continuar aprendendo com aquilo que já nos julgamos conhecedores. E fazemos isso o tempo todo; com nossos amigos, nossos familiares, nossos trabalhos, com as crianças, com a Bíblia, lamentavelmente com nós mesmos. Eu fiz isso; achando que já me conhecia, dei o ato de conhecer por encerrado. Ao fazer isso, encerrei a conexão comigo mesmo. E isso me fazia muito mal. Graças a Deus, essa experiência serviu para que eu conseguisse desobstruir a via de comunicação comigo mesmo e com os outros.

No dia 20 de agosto, resolvi fazer a experiência de olhar para alguém, com uma amiga minha de longa data. Estávamos na entrada da igreja após o ensaio do coral conversando as mesmas trivialidades de sempre. Então comecei a olhar para ela, buscando seus olhos. Como esperado, ela logo emitiu a interrogação: “- Que foi, tem alguma coisa errada comigo? É meu cabelo?” – e já ia fazendo toda uma explanação, que saiu com pressa e seus biotes ficaram malfeitos, quando eu a interrompi, dizendo que não era nada daquilo, que tudo o que estava fazendo era

olhar para ela. Disse que a gente se conhecia há tanto tempo e eu nunca tinha parado para olhar ela nos olhos de maneira franca e sincera.

Ao dizer isso. Ela se deixou olhar, mas ainda desviava os olhos. Quando finalmente ela começou a me olhar nos olhos, aconteceu algo que sinceramente, eu nunca imaginei que pudesse acontecer. Ela, que sempre se mostrou dona de si, alegre, autoconfiante e independente, de repente ficou com os olhos cheios d'água e disparou, dizendo que era feia, que se sentia a pior das pessoas, que tinha dias que ela preferia nem existir, porque ninguém achava ela bonita, e que ela própria se achava horrível. Disse que estava cansada de sair e ficar com pessoas que não queriam nada duradouro, que só a usavam, mas que mesmo assim ela deixava, porque era a única forma de carinho que conhecia.

Aquilo parecia estar entalado dentro dela durante muito tempo, e só que ela encontrou alguém receptivo, que não queria falar nada, é que ela resolveu por tudo para fora. No final ela me perguntou o que deveria fazer. Então eu disse que ela deveria se conhecer, olhar os próprios olhos no espelho, ver-se a si mesma. E que então ela descobriria que ela é muito mais do que supõe ser. Depois disso, ela foi embora com seus pais e eu fui para minha casa.

Hoje, dia 21, ela me ligou, dizendo que nunca se sentiu tão bem, tão feliz. Disse que tinha feito o que sugeri naquele mesmo dia e tinha se olhado no espelho. E que tinha descoberto muita coisa sobre si mesma. E que ela não era feia como se achava. Agradeceu-me, chorou no telefone, foi muito bom.

Só não sei se agi certo em meu conselho, porque o senhor disse que quando acontecem desabafos, a gente não deve dar conselhos, mas é que nesse caso ela é que me pediu. Se depois o senhor quiser dar algum parecer...

Ahhh, hoje também resolvi dar um basta em coisas velhas e consegui recortar tranquilamente o que quer que eu quisesse. Legal, né?